

POCHI E O INCÊNDIO, DE TAKEO ARISHIMA
POCHI AND THE FIRE

Cristina Rosoga Sambuichi¹

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma tradução do conto *Kajito Pochi* (Pochi e o incêndio) e tem como objetivo introduzir ao público leitor brasileiro a literatura infantil de Takeo Arishima. Contém também uma nota breve sobre o autor. O conto foi escrito e publicado pela primeira vez em 1922 na revista Fujin Koron e republicado na coletânea *Hitofusa no Budo* (Um cacho de uvas) em 1952, junto com outros contos para crianças.

Palavras-chave: Takeo Arishima; literatura infantil; Literatura da Era Taishô.

ABSTRACT: This work represents a translation of the short story *Kaji to Pochi* (Pochi and the fire). Its aim is to introduce children's literature by Takeo Arishima to the Brazilian readers. It also contains a brief note about the author. This story was written and published for the first time in 1922, in the magazine Fujin Koron, and republished in the collection *Hitofusa no Budo* (A Grape) in 1952, together with other short stories for children.

Keywords: Takeo Arishima; children's literature; Taishô period Literature.

SOBRE O AUTOR E A OBRA

Takeo Arishima (1878-1923) foi escritor, contista e ensaísta japonês que atuou durante os períodos Meiji (1868-1912) e Taishô (1912-1923). Nasceu em Tóquio, em uma família rica, e teve dois irmãos e uma irmã. Aos 4 anos, seu pai mudou-se a trabalho para Yokohama e Takeo e a família o acompanharam. Seguindo os ideais educacionais de seu pai, Takeo foi criado em uma família americana e estudou língua inglesa em uma missão cristã. Formou-se na prestigiada universidade Gakushûin aos 19 anos e depois entrou no Colégio Agrícola de Sapporo (atualmente, Faculdade de Agricultura da Universidade de Hokkaido). Sob a influência dos colegas Kanzo Uchimura e Kokichi Morimoto, tornou-se cristão. Depois de se formar, foi para os Estados Unidos, onde se matriculou na Universidade de Haverford, e mais tarde na Universidade de Harvard. Lá, ele recebeu uma forte influência do socialismo, da literatura de Walt Whitman e Ibsen, e da filosofia de Bergson e Nietzsche.

Depois de voltar para o Japão, por meio do seu irmão Ikuma Arishima, conheceu os escritores Naoya Shiga e Saneatsu Mushanokoji, formados também no Gakushûin, com quem formou o grupo literário Shirakaba (Vidoeiro Branco), grupo que fundou a revista literária de

¹Cristina Rosoga Sambuichi é mestre em Letras pela Nagoya University e Professora assistente do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras (DLLE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil; cristina.rosoga.sambuichi@gmail.com.

mesmo nome, publicada a partir de 1911. Nesta revista, Takeo Arishima publicou obras como “Kan-kanmushi” (O trabalhador que tira ferrugem), “Osue no shi” (A morte de Osue), críticas literárias e se tornou uma das figuras centrais do grupo Shirakaba. Em 1916, o seu pai e a sua esposa Yasuko faleceram, e a partir deste período, ele dedicou toda sua carreira à Literatura.

Takeo Arishima escreveu romances como “Kain no Matsuei” (Os descendentes de Caim), “Umareizuru Nayami” (O sofrimento surgindo) e “Meiro” (O Labirinto). Sua obra mais famosa é “Aru Onna” (Uma certa mulher), um melodrama moral e psicológico sobre uma mulher com forte personalidade lutando contra uma sociedade hipócrita e dominada pelos homens. Sua literatura é famosa pelos temas profundamente humanistas, com influências neo-idealistas, feministas e socialistas. O Cristianismo também deixou a sua marca em suas obras.

Em 1923, Takeo Arishima conheceu Akiko Hatano, uma mulher casada e editora da revista feminina Fujin Kôron. Seu relacionamento com Akiko desenvolveu-se num caso extraconjugal, que chegou ao conhecimento de seu marido. Isto acabou levando os dois, Takeo e Akiko, a cometerem suicídio, no mesmo ano, em Karuizawa. Os dois foram achados enforcados, e em estado avançado de decomposição, um mês depois. Seu caso chocou a sociedade japonesa e sua literatura foi criticada como imoral na época, e alcançou a popularidade somente após a II Guerra Mundial, quando os temas feministas em seus romances começaram a ser amplamente estudados fora do Japão.

O conto “Kajito Pochi” (Pochi e o incêndio) foi publicado na coletânea de contos para crianças “Hitofusa no Budô” (Um cacho de uvas) em 1952, pela editora Kadokawa Bunko. Junto com os outros contos, apresenta cenas baseadas na vida do autor durante seus anos de infância, em Yokohama.

POCHI E O INCÊNDIO²
POCHI AND THE FIRE

Takeo Arishima

Tradução: *Cristina Rosoga Sambuichi*

Acordei com o latido de Pochi.

Como estava morrendo de sono, mal deu tempo de repreender aquele latido barulhento, pois vi com os olhos semicerrados labaredas vermelhas que me assustaram. O armário estava em chamas! E um novo sobressalto me fez saltar de minha cama. A vovó, que deveria estar dormindo próxima de mim, estava concentrada na tentativa de apagar o fogo do armário com um tipo de pano preto. Eu não sei como dizer isso, mas a vovó pareceu-me ao mesmo tempo engraçada e assustadora, e corri em sua direção sem titubear. Ao fazer isso, a vovó tentou tirar-me de lá de uma maneira exasperada, sem dizer uma palavra, movendo apenas o pano confusamente. E quando o pano tocou minha mão, pude perceber que ele estava muito molhado.

- Vovó, o que está acontecendo? - perguntei.

A vovó olhava apenas para o fogo no armário e não disse uma só palavra. Deve ser um incêndio, pensei. Pochi latia como um louco lá fora. O interior do quarto, as portas corrediças, as paredes, o tokonoma³, o chigaidana⁴, tudo brilhava como se fosse um clarão da tarde. A silhueta da vovó fazia uma grande sombra que se movia como uma espécie de monstro. Mas o que me causava estranheza era o fato de a vovó não dizer uma palavra sequer. Será que ela ficou muda de repente? E ela me tratou como se eu a atrapalhasse quando me aproximei, não sendo carinhosa como sempre foi comigo.

Isso é muito ruim, pensei. Tentei agarrar a vovó, desesperado. Mas a vovó, que parecia tão fraquinha, repeliu-me sem dizer nada mas com tanta força que acabei sendo arremessado até a porta corrediça.

Era um incêndio. Vovó está tentando apagar sozinha. Quando compreendi a situação, percebi que ela não conseguiria isso sozinha, sai correndo quarto afora para a casa dos fundos onde mamãe e papai estavam dormindo e gritei com todas as minhas forças:

² Revisão: Ernesto Atsushi Sambuichi.

³Pequeno espaço elevado em recintos tradicionais japoneses (washitsu) destinado à exposição de decorações tradicionais tais como: arranjos florais ou árvores anãs (bonsai), rolos de parede com pintura ou caligrafia etc.

⁴ Prateleiras de tamanho irregular utilizados como mobília nas casas tradicionais japonesa.

- Papaaaaai! Mamãããe!

Eu achava que Pochi estava latindo fora do meu quarto, mas mal me dei conta de que ele estava logo ao meu lado, ganindo muito. Assim que mamãe ouviu o meu grito, ela pulou da cama e saiu de pijamas.

- O que está acontecendo? –perguntou a mamãe em voz baixa como se estivesse contando segredos, segurando-me firme nos ombros.

- Socorro ...

Estava tentando dizer, “Socorro, meu quarto está em chamas!”, mas apesar de meus esforços minha voz parou no “socorro” e não pude articular um som sequer depois disso.

As mãos da mamãe tremiam. Com essas mãos, ela pegou as minhas e fomos em direção ao meu quarto, mas quando enxergou o fogo através das portas corrediças abertas, ela fez soar um grito de espanto repentinamente, sacudiu minha mão tentando largá-la e intentou lançar-se para dentro do quarto. Eu agarrei a minha mãe, desesperado. Nesse momento, pareceu que finalmente mamãe se deu conta de minha presença, virou-se para mim e sussurrou no meu ouvido:

- Depressa, vai logo e acorde o papai, e depois vai para o nosso vizinho, acorde-o também, diga a ele que é um incêndio, entendeu? Depressa!

Foi quando papai entrou correndo. Fui até a entrada sem dizer nada a ele. Lá estava escuro. Desci descalço no chão de terra batida da entrada, e consegui puxar o trinco e abrir a porta. Queria correr, mas me lembrei do que a mamãe disse, que se eu corresse de pés descalços, eu poderia me ferir e pegar uma doença grave. Então, tateei com as minhas mãos na escuridão até encontrar um par de chinelos grandes. Não sei de quem era os chinelos, mas os calcei nos meus pés e sai de casa correndo. Do lado de fora estava escuro também e fazia frio. Sempre tive medo e não gostava de andar sozinho à noite, mas justo naquela não estava com medo algum. Mas eu poderia tropeçar em algo e cair, e por isso corri levantando as minhas pernas o mais alto que pude. Pochi deve ter pensado que eu era um bandido, pois ele veio correndo e, latindo, tentou pular em mim. Mas ao perceber logo que era eu, ele me acompanhou até o portão, ora correndo na minha frente ora atrás de mim. E quando atravessei o portão, ele ficou olhando para mim por um tempo, depois soltou um ganido esquisito e voltou para a casa.

Eu também corri com todas as minhas forças. Bati na porta do vizinho e gritei duas ou três vezes:

- Fogo!! Fogo!!!

Achei que seria bom acordar os vizinhos da casa ao lado também, então fui para a casa ao lado e bati na porta e gritei novamente. Fui para a próxima também. E quando olhei na direção da minha casa, onde estava completamente escuro até há pouco, podia-se ver uma pequena chama que saía e ondulava sob o telhado; ouvir pequenos estalos, como o de madeira na fogueira; e ouvir também o Pochi ganindo.

Minha casa estava muito longe da cidade, em uma montanha, na área de residências oficiais, e as casas onde fui gritando “Fogo!!!” eram todas de gente que eu conhecia. Quando olhei para trás, vi dois ou três vultos negros correndo em direção à minha casa. Isso me deixou tão contente que me incentivou ainda mais a ir até a próxima casa e gritar por socorro.

Depois de gritar em umas vinte residências, acabei me afastando muito de casa. Comecei a sentir um pouco de medo e parei. Olhei novamente em direção à minha casa. O fogo já tinha se alastrado bastante e as árvores e as cercas de madeira em volta estavam visíveis como se estivessem em uma pintura. Como não estava ventando, o fogo propagava-se verticalmente, com as centelhas subindo bem alto no céu. Além do ruído de crepitação, podia-se ouvir também sons parecidos com tiros de pistola.

Ao estancar meus pés por um momento, notei que meu corpo tremia tanto que os meus joelhos e meu queixo estavam a ponto de ranger. Inesperadamente, comecei a sentir falta de casa. Ao me perguntar o que estariam fazendo a vovó, a mamãe, a minha irmãzinha e o meu irmãozinho, senti um aperto e não consegui mais correr e gritar por socorro como havia feito até um momento atrás. De súbito, tratei de correr de volta pelo mesmo caminho que havia percorrido, esbaforido. Enquanto corria, não conseguia tirar meus olhos das chamas que ardiam. Apesar da escuridão, só a minha casa estava a brilhar como uma fogueira. Meu rosto parecia arder também. Pude ouvir uma grande vozearia. E depois, ouvi Pochi que latia como um louco.

Não havia nenhum sinal de alarme soando na cidade e nada de chegar também alguma bomba de água. Pensei que tudo poderia acabar queimando por completo. Eu corria com todas as minhas forças, ansioso em ver toda a minha família novamente, enquanto tentava imaginar o que iria comer no dia seguinte e onde iria dormir.

Quando estava prestes a chegarem frente de casa, encontrei um homenzarrão correndo em minha direção. Ao reparar melhor, vi que o homem carregava firmemente minha irmãzinha e meu irmãozinho, cada um sob cada braço. Tanto a minha irmã como meu irmão choravam alto. Por um momento, achei que aquele homem grande fosse um seqüestrador. Atrás da área das residências oficiais havia uma montanha, e um mendigo vivia no templo antigo que ficava dentro da floresta. Nós costumávamos brincar de guerra lá e sempre que

víamos o mendigo, mesmo de longe, fugíamos às pressas gritando “o seqüestrador está chegando!” Fosse o que fosse, como o mendigo nunca ia atrás de nós e só andava lentamente arrastando seus trapos, não nos preocupávamos com a possibilidade de sermos pegos por ele, mas, às vezes, quando nos via de longe correndo, ele nos assustava com a sua voz que mais parecia um mugido de boi. Nós tínhamos medo daquele mendigo mais do que qualquer coisa. Pensei que tivesse sido aquele mendigo que havia sequestrado meus irmãozinhos. Por sorte, o homem parecia estar com tanta pressa que nem me notou; passou por mim, me ignorando. Por algum momento, fiquei pensando no que deveria fazer logo depois que ele passou por mim, mas quando me dei conta que seria um grande problema se eu perdesse de vista os meus irmãozinhos, desisti de voltar para casa e segui apressadamente atrás dele. Esse homem era muito rápido. Tanto é que me fez ficar com vontade de tirar e jogar fora os grandes chinelos que estavam me atrapalhando.

Como esse homenzarrão estava indo mais e mais rápido para o lado da cidade com muros de pedra, ainda carregando os meus chorosos irmãozinhos em seus braços, eu fui ficando cada vez mais assustado. Mas só de pensar que o medo que eu tinha dele não era tão grande comparado ao medo do incêndio, continuei seguindo aquele homem de rosto coberto e quimono dobrado na cintura, tomando cuidado para que ele não notasse a minha presença. Pouco depois, esse homem começou a subir a alta escada de pedra da casa da família Hashimoto. Quando volteio meu olhar para cima, vi que muitos da família Hashimoto estavam de pé nos degraus de pedra voltados em direção de minha casa e observavam o incêndio. Eu estranhei o fato de um sujeito parecido com um mendigo ter ido subir essas escadas. De repente, a tia Hashimoto, lá de cima, começou a falar com aquele homem.

- Querido, você voltou! Parece que as coisas vão piorar...

- Eu trouxe as crianças que estavam em perigo. Só não consegui encontrar o Takeo e não faço ideia de onde ele possa estar. - respondeu o homem que se parecia com mendigo enquanto carregava meus irmãozinhos com facilidade.

Peraí! Não é nenhum mendigo, é o tio Hashimoto! Fiquei tão contente que logo me pus a subir as escadas de pedra.

- Olha, não é o Takeo? – disse a tia Hashimoto assim que me viu.

Toda a família Hashimoto veio nos receber e nos levou para dentro de casa. A casa estava bem iluminada e isso foi uma benção para mim, depois de ter andado na escuridão por um longo tempo. Perguntaram se estava sentindo muito frio, prepararam *kuzuyu*⁵ para eu

⁵ Bebida quente e adocicada feita com amido extraído originalmente da planta *kuzu* (*Pueraria Montana*).

beber e me emprestaram um quimono acolchoado. Mas, repentinamente, uma tristeza me acometeu. Meus irmãos haviam parado de chorar ao entrar na casa, mas bastou eles me virem começando a soluçar para recomeçarem com o choro em voz alta.

Passamos aquela noite na janela daquela casa, tremendo e observando a nossa casa queimar madrugada adentro. O tio Hashimoto, que saiu às pressas novamente logo depois de nos deixar em sua casa, retornou todo encharcado e enlameado, com um rosto tão sujo de fuligem a ponto de confundi-lo com outra pessoa. Isso foi após ter amanhecido, quando filetes de fumaça preta e branca subiam separadamente do local onde se encontrava a nossa casa, rodopiando depois um em torno do outro formando um feixe só no ar.

- Acalme-se! A casa principal queimou, mas a casa dos fundos permaneceu, e nem seu pai nem a sua mãe estão feridos. Mais tarde, eu vou levá-lo de volta. O frio desta manhã é fora do comum. Olhe toda esta geada! – disse o tio Hashimoto de pé ao lado do poço enquanto observava ao redor. De fato, estava todo branquinho até a borda.

Tomamos o café da manhã e, quando o sol já estava acima do frondoso pinheiro lá do jardim da casa de campo, o tio Hashimoto nos levou de volta para casa.

Lá havia muitas pessoas que estavam trabalhando com ímpeto, mas era tanta gente que eu não fazia ideia de onde todos surgiram. Como se tivesse caído um temporal, mal dava para saber até onde o chão estava encharcado, e meus chinelos de palha logo ficaram ensopados e pesados, dando uma sensação desagradável de molhado na sola dos pés.

Quando fui até a casa dos fundos, todos estavam tão diferentes a ponto de eu me questionar: será que esta é a minha avó? Será que este é o meu pai? Será que esta é a minha mãe? Mamãe estava vestida com um quimono que eu nunca tinha visto antes, o cabelo dela estava uma bagunça e seu rosto e as suas mãos estavam sujos de fuligem. Quando nos viu, ela correu até nós, abraçou nós três apertando-nos contra o seu peito, começou a chorar e esfregou seu rosto contra o nosso, molhando-nos com as suas lágrimas. Ela até nos assustou um pouco.

Falando em mudanças, a casa também mudou terrivelmente após o incêndio. As pilastras e tábuas de madeira empretecidas estavam empilhadas umas sobre as outras como blocos de montar derrubados, e de lá partiam e vinham fumaça e um mau cheiro. Os espaços estavam mais amplos e, enquanto eu observava esse panorama, meus olhos se enchiam de lágrimas, embora não fosse igual ao choro da mamãe.

Só o que nos sobrou foi a pequena casa dos fundos para nós seis morarmos, junto com o restante das coisas que não se perderam completamente no incêndio, sendo que metade estava queimada ou molhada. As pessoas da área de residências oficiais nos ofereceram três

refeições diárias. Os bolinhos quentes de arroz estavam deliciosos. Alguns estavam polvilhados com gergelim, alguns continham ameixa azeda, outros estavam embrulhados em folhas de alga seca. Eu nunca tinha experimentado arroz tão gostoso assim antes, pensei.

Descobriu-se depois que o fogo teria sido iniciado por um ladrão. A julgar pela corda do poço que fôra cortada para que não se conseguisse tirar mais água e pelo punhal queimado encontrado nas cinzas, o policial assinalou a possibilidade de alguém como um ladrão ter sido o incendiário. Quando a minha mãe soube disso, ela finalmente ficou aliviada. Papai foi chamado à polícia 2 ou 3 dias seguidos e isso deixou-o terrivelmente irritado. Quando a vovó viu o fogo em seu quarto, emudeceu de tão assustada que ficou, mas com o fim do incêndio ela finalmente conseguiu pronunciar algumas palavras. Por outro lado, ela se sentiu um pouco adoentada e ficou deitada, pegando um canto do nosso pequeno quarto.

No dia seguinte após o incêndio, recuperamos o nosso estado de espírito de sempre. E não foi só isso, as coisas se tornaram até mais divertidas do que antes. Nós três íamos até os escombros todos os dias e, embora os trabalhadores nos dissessem para não vir porque ainda estava perigoso, nós recolhíamos várias coisas e brincávamos mostrando um ao outro o que cada um encontrou e trocávamos os objetos.

No terceiro dia após o incêndio, a vovó, assim que despertou, perguntou para a mamãe um pouco sobressaltada: “O que aconteceu com o Pochi?” Relatou que teve um sonho no qual algo terrível havia acontecido com ele. Vovó disse que foi graças aos latidos de Pochi que ela soube do incêndio, e se não fosse por ele, teríamos todos morrido queimados.

Falando nisso, Pochi realmente tinha desaparecido. Algo parecia estar faltando, fosse quando acordávamos de manhã, fosse quando íamos brincar nas sobras de incêndio: era o Pochi. Mamãe também disse que na noite do incêndio, antes de eu ir acordá-los na casa de fundos, Pochi já havia ido lá e tinha coçado as corrediças, ganindo com tristeza, e por isso tanto ela como o papai estavam despertados. E nós acabamos nos esquecendo deste Pochi, que tanta lealdade demonstrou. Quando me lembrei de Pochi, uma solidão me afligiu repentinamente. Tirando os meus irmãozinhos, Pochi era meu melhor amigo. Era um cão grande de orelhas longas e um rabo fofinho que ganhei de um ocidental amigo de meu pai que vivia no setor de moradias destinadas aos estrangeiros⁶. Pochi era um cachorro que nos lambia com sua língua comprida; um cão que nos fazia cócegas; que nunca perdeu uma briga com outros cães; um cachorro que raramente latia; mas quando latia, as pessoas e até mesmo

⁶ Kyoryūchi: Setores especiais construídos em algumas cidades como Nagasaki, logo depois da abertura do Japão ao Ocidente, em 1853, onde moraram estrangeiros que trabalhavam no país.

cavalos ficavam com medo;era aquele que quando nos via, sempre vinha alegre, correndo, e pulava em cima da gente; um cachorro que era bonitinho apesar de não saber um truque sequer; e quando nós tentávamos ensinar alguns truques, ele se virava fechando seus olhos grandes, envergonhado. Eu me questionava: como é que pude me esquecer deste amigo tão querido sem até então me dar conta de que ele havia desaparecido?

Eu não me sentia somente sozinho, sentia remorso também. Falei isso para os meus irmãozinhos e imediatamente começamos a procurar por Pochi. Nós três nos dividimos para procurá-lo, fomos até o jardim e andamos chamando por ele em voz alta, “Pochi..., Pochi..., Pochi, venha aqui, venha aqui, Pochi”. Passamos de casa em casa da área de residências oficiais perguntando por Pochi: “Não viu o Pochi por aqui?” “Não”. “Não o viu em nenhum lugar?”. “Não vi”. Recebemos apenas este tipo de resposta por onde passamos. Acabamos perdendo até o apetite. A empregada veio nos chamar para comer, mas nós não voltamos para casa. Andamos desde os arredores da casa de campo e também até em direção à floresta da montanha onde vivia o mendigo. E chamávamos o nome Pochi em voz alta de vez em quando. Em seguida, parávamos para escutar. Imaginei que talvez pudesse ouvir seus passos apressados correndo em nossa direção. Mas não conseguimos encontrar nenhuma pista dele, tampouco ouvir seus passos ou seu latido.

- Coitado do Pochi, ele sumiu. Ele deve ter sido morto. - disse a minha irmã, em voz embargada, parada em pé no meio da estrada solitária da montanha.

Na verdade, Pochi não poderia simplesmente desaparecer, a menos que ele tivesse sido morto ou, porventura, alguém ter-nos roubado. Mas, mesmo que algo assim tivesse acontecido,não poderíamos ficar lá sem fazer nada.Praticamente não nos preocupávamos com a possibilidade de Pochi ser morto, pois era um cão grande e forte; e se alguém tentasse roubá-lo, o ladrão com certeza levaria umas boas mordidas. O que poderia ter acontecido? Eu já não estava me sentindo bem.

Eu estava irritado. E resolvi dizer umas boas para minha irmã:

- Na verdade, isso é culpa sua. Uma vez você disse que odiava o Pochi, e lhe disse para ir embora!

- O quê? Eu falei isso de brincadeira.

- Mas não deveria ter dito isso nem de brincadeira.

- Pochi não desapareceu por causa disso!

- É mesmo? Ah, tá. Então, você sabe por que ele desapareceu? Veja só!

- Mesmo quando eu disse para ele ir embora, ele não foi para lugar algum.

- Sim, claro! Mas é claro!Até o Pochi precisava pensar antes o que fazer.

- Mas você mesmo já bateu nele uma vez, não é?

- Não, eu não bato nele!

- Sim, você bateu.

- E daí? E daí se eu bati nele?

Eu bati em Pochi certa vez, fazendo-o chorar, porque ele havia quebrado os meus brinquedos. Quando minha irmã se referiu sobre isso, comecei a sentir que foi por causa disso que Pochi desapareceu. Mas eu não queria pensar que tinha sido por isso. Só podia ser por culpa da minha irmã. Passei a sentir ódio dela.

- Eu bati nele, mas depois eu fiz carinho.

- Mas eu também fiz carinho nele!

Minha irmã começou a chorar no meio da montanha. Depois, o meu outro irmãozinho também desatou a chorar. Eu também fiquei com vontade de chorar, mas me segurei para não sentir remorso depois.

Não sei explicar bem, mas passei a sentir medo imediatamente assim que percebi que éramos somente nós três no meio daquela montanha. Mas ali veio a empregada procurando por nós, preocupada por não ter nos visto em lugar algum da casa e, assim que nos encontrou, ordenou que voltássemos. Quando viram a empregada, os meus irmãozinhos abriram o berreiro na mesma hora. E eu, no fim das contas, estava tão triste que acabei chorando também. Assim, a empregada levou-nos de volta para casa.

- Por onde vocês andaram? Sem comer nada, e vocês três chorando tanto assim? – disse a mamãe, em um tom como se estivesse ralhando conosco.

Pouco depois, ela trouxe alguns bolinhos de arroz. Quando os vi, eu senti fome na mesma hora. Fiquei um pouco envergonhado de comê-los logo, pois estava chorando até aquele momento, mas comecei a comer prontamente.

Nesse momento, uma das pessoas que trabalhavam com os restos do incêndio veio e nos disse que haviam encontrado Pochi. Nós, é claro, mas a vovó e até a mamãe fizeram um grande alvoroço, já perguntando:

- Onde ele estava?

- Ele foi gravemente ferido e estava deitado na sombra do depósito. - disse o trabalhador, levando-nos imediatamente para o local.

Eu joguei fora meu bolinho de arroz, limpando os restos de arroz na minha roupa, e corri apressadamente atrás desse homem. Meus irmãozinhos, igualmente, correram também.

O depósito, com metade de sua estrutura destruída pelo incêndio, fôra ao chão. Atrás dos escombros, havia três a quatro trabalhadores, agachados. O homem que nos levou para lá se dirigiu aos seus companheiros e disse:

- Ei, pessoal, afastem-se um pouco.

Todos se levantaram. E lá estava Pochi, dormindo todo encolhido.

Completamente absortos, nós chamamos Pochi pelo nome e fomos em sua direção. Pochi não se mexia. Quando conseguimos vê-lo de perto, ficamos chocados. Seu corpo estava cheio de queimaduras, seu pelo macio ficou tostado e amarronzado em alguns lugares, além de estar impregnado de lama. E tinha marcas de sangue empretecido na cabeça e nas patas. Mal dava para saber se era o Pochi ou algum outro cão de tão sujo que ele estava. Eu, que corraera em sua direção, recuei quando o vi. Quando Pochi percebeu a nossa presença, ele levantou a cabeça um pouco e nos olhou tristemente, com os olhos embebidos de sangue. E moveu suas patas da frente na tentativa de se levantar, mas, não conseguindo de jeito algum, voltou a se deitar.

- Coitado dele, alguns pedaços de madeira devem ter caído e quebrado o seu quadril.

- De qualquer forma, ele deve estar cansado também pois passou a noite toda andando ao redor do fogo e ganindo.

- Olha, ele está sangrando muito ali!- disse um dos trabalhadores.

Realmente, ele estava sangrando. A articulação da pata traseira sangrava, e o sangue escorria até o chão.

- Eu não tenho como cuidar dele.

- E eu nem pensar.

Desse modo, não houve um peão sequer que quisesse tratar dele. Eu estava assustado. Mas fiquei com tanta pena dele que acabei acariciando a sua cabeça, timidamente e de longe. Ao sentir meu contato, ele sacudiu o focinho, fechou os olhos e levantou um pouquinho a cabeça. Quando vi isso, acabei me esquecendo do medo e também da sujeira; aproximei-me dele e como num abraço levei sua cabeça às minhas mãos e o acariciei. Nesse momento, pensei: ‘como será que eu pude bater, mesmo que isto tenha ocorrido em apenas uma ocasião, num amigo tão encantador como Pochi? Não importa o que ele fizer: isso nunca mais acontecerá novamente’. De olhos fechados, Pochi inclinou sua cabeça em minha direção mansamente. Eu pude notar que seu corpo todo tremia.

Minha irmãzinha e meu irmãozinho também se reuniram em torno de Pochi. Logo depois, mamãe e papai também vieram. Eu ajudei o papai e trouxe água em um balde e, com

um pano branco e limpo, retiramos a lama e o sangue. Quando limpávamos alguma parte dolorosa, Pochi tentava afastar nossas mãos com seu focinho.

- Calma, garoto, fique quietinho. Agora limparemos e curaremos suas feridas, ok?— disse-lhe o meu pai, mas com uma voz tão amável que era como se estivesse falando com uma pessoa. Mamãe chorou furtivamente, de modo que ninguém percebesse.

Pochi, que era tão brincalhão, não dava nenhum sinal de que faria suas estripulias mais. Isso me fez sentir muita pena dele. Depois de terminar de limpar todo o seu corpo, papai saiu dizendo que iria chamar um médico para cães porque as feridas de Pochi eram graves. Em sua ausência, eu e minha irmã mais nova fizemos uma “caminha de palha” para Pochi. E secamos o corpo dele todo com uma toalha. Quando tentamos movê-lo para que deitasse na cama de palha, deve ter sido tão doloroso, mas tão doloroso que ele soltou um grito terrível pela primeira vez e tentou morder-nos enquanto chorava. Os trabalhadores também foram gentis e nos ajudaram a cuidar dele. Eles construíram uma pequena cerca ao redor do Pochi com pedaços de tábua. ‘Estamos no inverno e está frio’, pensei, e ele deve sentir bem mais frio se o seu pelo estiver molhado.

Depois que o médico veio e passou pomadas no seu corpo e lhe fez tomar alguns remédios, tanto trabalhadores como também a mamãe foram embora. Como meu irmão mais novo estava reclamando do frio, mamãe o levou também. Mas tanto papai, minha irmã e eu também permanecemos ao lado de Pochi, a observar o seu estado. Mamãe fez a empregada trazer um mingau cozido com leite. Pochi acabou comendo com muito prazer. Afinal, por durante os três dias após a noite do incêndio, Pochi teve que aguentar esse tempo todo sem comer nada e, até por isso, esta papinha deve ter sido realmente deliciosa.

Pochi estava com os olhos fechados, todo enrolado e tremendo muito. Lágrimas umedeciam os cantos dos seus olhos o tempo todo. E de vez em quando ele abria os olhos um pouco, e depois de nos observar quieto, voltava a dormir.

Sem que percebêssemos, veio um entardecer bem frio. Papai disse para que ficássemos em casa pois ele já estava bem, mas eu não queria ir entrar. Eu queria ficar ao lado de Pochi mesmo durante toda a noite. Sem saída, papai acabou voltando sozinho, a resmungar que estava muito frio.

Somente eu e minha irmã permanecemos por lá. Como Pochi parecia dormir tão profundamente, perguntei-me se ele estava mesmo vivo, e por isso sussurrei: “Oi, Pochi”. Pochi abriu os olhos preguiçosamente e chegou a abanar um pouquinho o seu rabo.

Finalmente anoiteceu. Mamãe veio dizendo que o jantar estava pronto, que se pegássemos um resfriado seria um problema e, por isso, nos levaria nem que fosse à força. Dito isso, eu e minha irmã acariciamos a cabeça do Pochi e voltamos para casa.

Na manhã seguinte, assim que despertei, sem nem mesmo trocar de roupa, corri para onde estava o Pochi. Papai estava agachado ao lado dele. E ele disse: “Pochi morreu”. Pochi havia morrido.

Mesmo hoje, eu não tenho certeza onde Pochi foi enterrado, se foi mesmo no quintal do velho templo dentro da floresta, onde aquele mendigo vivia.